

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem por objeto o experimento fotográfico realizado com a intenção de capturar o efêmero desenho de um gesto — o ato humano, espontâneo ou técnico, que ocorre quando o homem se movimenta e, no caso específico da dissertação a seguir, quando essa ação humana decorre da interação com os objetos.

Ao pensarmos o homem em sua prática diária, pensamos também nos objetos. Homem e objetos: impossível considerá-los isoladamente pois, “eles compõem um quadro único no qual a história se dá. No começo era a natureza formada por objetos naturais” mas ao longo da história vão surgindo objetos feitos pela vontade e gestos humanos, gestos técnicos que produzem, voltanto a Milton Santos¹, “objetos técnicos, mecanizados e, depois, cibernéticos, fazendo com que a natureza artificial tenda a funcionar como uma máquina. O espaço é hoje um sistema de objetos cada vez mais artificiais, povoado por sistemas de ações igualmente imbuídos de artificialidades, e cada vez mais, tendentes a fins estranhos ao lugar e a seus habitantes.” E isso se reflete também no homem e nos seus gestos.

Considerando o gesto uma linguagem², pensemos sobre o toque. O toque é um gesto feito com as pontas dos dedos das mãos e através dele podemos chamar a atenção de uma pessoa que não nos escuta, detectar um ponto doloroso no corpo, ligar ou desligar um aparelho celular, um controle remoto, um liquidificador ou disparar um dispositivo fotográfico, além de inúmeras outras possibilidades de acionar qualquer outro botão sensível ao toque.

No caso do toque no aparelho celular, a partir desse mono gesto podemos interagir com alguém em algum lugar distante.

¹ SANTOS, Milton A natureza do Espaço, Técnica e Tempo, Razão e Emoção, 1996

² Encontramos uma definição filosófica para linguagem – enquanto um valor idêntico para todos os indivíduos de uma mesma espécie, como um sistema de signos convencionais, usado na comunicação humana –, no dicionário básico de filosofia, organizado por Japiassu e Marcondes (1996) no qual, a justificativa para a linguagem tornar-se um conceito filosófico está na medida em que o pensamento moderno passa-se a considerá-la como elementos estruturador da relação do homem com o real.

Ou seja, o objeto celular — como o aparelho de telefone de outrora — pode nos transportar mentalmente de um lugar a outro, pode alterar nosso *espaço-tempo*, a partir do momento em que temos a condição de realizar ações simultâneas. Quero dizer, compartilhamos um determinado espaço geográfico, mas quando somos interrompidos por uma chamada no celular, sofremos uma instantânea ausência do espaço presente e nos estendemos para um outro lugar, de forma presente mas estando ausente. Nossas ações se expandem para além de nós, alterando nossos gestos, nossa interação no espaço presente.

No caso do espaço compartilhado, algumas relações de uso do objeto pelas pessoas são tão constantes ou interligadas que o ambiente em que essa interação ocorre pode nos revelar informações, independentemente da pessoa estar ou não, no local onde se encontra o objeto. Tal é o caso de uma marcenaria, onde o profissional constrói uma cadeira. Vamos supor que o marceneiro se ausente do ambiente onde realiza seu ofício. Para uma pessoa que convive diariamente e profissionalmente com esse homem, os instrumentos utilizados por ele e o próprio objeto cadeira em construção, remeterá a presença do marceneiro, no local citado.

Por meio da associação direta entre o homem e o objeto cadeira, a presença deste ser humano é guardada na memória dos seus congêneres profissionais, a partir das lembranças de sua linguagem gestual, tais como as de seus gestos ao utilizar determinadas ferramentas ou de como se movimenta para realizar o trabalho, ou mesmo de seu sorriso afável ou de seu temperamento mal-humorado.

Em uma sala de aula, o objeto cadeira que fora construído pelo marceneiro citado no parágrafo acima, está à disposição para ser interagida pelos alunos de uma escola. A jovem que sempre ocupa uma mesma cadeira, posicionada em determinado ponto da sala de aula, hoje não está presente. Provavelmente, por observarem que o determinado lugar é o assento regular da aluna, seus colegas de classe não o ocuparão até que sua ausência seja, de fato, definitiva. Assim, a aluna se faz presente por meio do objeto com o qual ela constantemente interage. Para notar a falta desta aluna foi preciso, primeiramente, perceber a sua presença, através de sua constituição física e de seus costumes, todavia, neste caso específico, a percepção de sua ausência veio associada à imagem representada pelos seus gestos, na interação com o dito objeto.

Nossos equipamentos tecnológicos evoluíram para nos fornecer conforto, segurança, divertimento, velocidade e transposição, mas, será que evoluímos igualmente em nossas imaginações, relações sociais, em nossos comportamentos e no que diz respeito à criatividade? Ou estamos evoluindo tão somente como consumidores³?

Que gestos praticamos, quais praticávamos e quais praticaremos, a partir da convivência social com os inúmeros novos objetos que surgem repentinamente e repetidamente⁴ são questões que nos ocorrem, dada a impossibilidade de considerar o homem sem os objetos, pois a “civilização urbana vê sucederem-se, em ritmo acelerado, gerações de produtos, de aparelhos de *gadgets*, frente aos quais o homem parece uma espécie particularmente estável. Tal abundância, caso se reflita a respeito, não é mais estranha do que a das inumeráveis espécies naturais (Baudrillard, 1968)”

A reflexão sobre a hipótese de que o gesto nasce de uma comunicação intencional, levou-me a formular o que chamo de *comunicação interativa*. E, embora o gesto seja uma expressão exclusiva do homem, essa comunicação interativa abrange os demais seres vivos; assim, por exemplo, ao ser lançada ao chão, uma semente precisará interagir com a terra para gerar o broto. A substância semente nem a substância terra poderiam germinar frutos independentemente uma da outra: para a ocorrência do desenvolvimento do broto, é imprescindível o *esforço* das substâncias referidas. O mesmo se dá em todas as cadeias que estão biologicamente de acordo.

Por este motivo, podemos afirmar que a interação precede o estar de acordo e do movimento técnico humano decorre a linguagem do *gesto*.

O corpo humano movimenta-se em interação com os utensílios e com o meio que o cerca através da sua condição de *ser*⁵ — um ser desenhista, artista, usuário, educador,

³ O economista Celso Furtado destaca em *O Capitalismo Global* que, com o advento da globalização, podemos estar construindo uma sociedade menos imaginativa. Milton Santos e Zigmunt Bauman também alertam para um ‘perigo’, que pode haver por detrás da Globalização.

⁴ O uso da palavra repetidamente é por considerar que a maior parte dos objetos têm suas funções já adquiridas desde sua formação, o que ocorre em nossa sociedade são acréscimos de design e tecnologia, que visam o consumo acelerado. Como exemplo, os lançamentos contínuos de modelos de automóveis ou de aparelhos domésticos, como o fogão.

⁵ Verbo e nome no sentido de ser humano

tecnólogo; um ser social e técnico, entre tantos outros que, na expressão de sua essência, no social, o homem pode se tornar.

No ato de interação, quando o corpo humano gesticula em volta de objetos, envolvido por eles, usando-os ou os materializando, o homem realiza os mais diversos movimentos — automáticos e autônomos — expressos através do gesto preciso, do gesto imponente, construtivo, artístico, rítmico, mímico; do gesto descontraído ou tenso; do gesto que exprime emoções; do gesto educativo; do gesto espontâneo, tecnológico ou técnico: enfim, dos gestos socialmente apreendidos e percebidos. Como exemplo, podemos imaginar um drible de futebol e os gestos de quem, na disputa que se trava, utiliza-se da bola e do próprio jogador oponente para conseguir o seu objetivo; ou o movimento de varrer uma calçada ou rua. A pessoa que o faz utiliza-se de uma vassoura. Mas, para tanto, é necessário primeiramente saber interagir com o objeto vassoura, que traz, em si, o conceito de *limpar* ao varrer.

Desde os primórdios, os seres humanos humanizam as coisas e o espaço para utilizá-los. E é dentro desse espaço humanizado que as relações de convivência são geridas (Figura 1).



Figura 1: esquema das interações no espaço geográfico

Nesta dissertação — e uma vez que o designer trabalha com o espaço e os objetos nele inseridos —, meu propósito é refletir sobre o gesto humano, trazendo os novos conceitos sobre o gesto apreendido, ou seja, um gesto técnico para o campo do ensino do design.



Figura 2: Aldeia de pescadores nômades, Ponta de Caburé/MA

As investigações sobre o gesto ganharam força e relevância ao longo do meu convívio com o professor e orientador José Luiz Mendes Ripper, a quem procurei ao pretender ingressar no Curso de Mestrado da PUC-Rio.

Minha intenção era trabalhar na linha de pesquisa Design: Tecnologia, Educação e Sociedade, desenvolvida no Laboratório de Investigações em Living Design (Lild)⁶ sob a orientação do Professor Ripper. Naquele dia, eu trazia comigo fotografias de um grupo de nômades pescadores que se encontravam nos Lençóis Maranhenses, Estado do Maranhão.

Os membros dessa comunidade construíam seus abrigos com materiais naturais coletados no entorno, onde viviam durante o verão, dedicando-se à pesca. No outono, abandonavam as casas — que passavam a ser ocupadas por outro grupo nômade ou terminavam engolidas pela areia do lugar —, e seguiam para outro destino (Figura 2).

Nas imagens que eu trazia, percebia-se que entre àquelas pessoas havia uma dinâmica corporal que lhes era peculiar, e que podia ser atribuída a sua relação com o meio (Figura 3). Aquelas pessoas habitavam um espaço transitório, o que as fazia manifestar um *modus vivendi* próprio de um lugar



Figura 3: transportando barco, do areial ao rio.

⁶ O Laboratório de Investigação em Living Design – Lild – desenvolve modelos experimentais de objetos, feitos com a utilização de materiais e técnicas de baixo impacto ambiental, com a utilização de uma metodologia própria e simples de ser apreendida, e que utiliza ferramental manual de fácil aquisição. São técnicas que empregam a matéria vegetal e mineral pouco processada, conforme é encontrada em fonte próxima ao local da construção.

arenoso onde o movimento constante das dunas, promovido pelo vento, determinava o ritmo da condição de vida do grupo nesse espaço geográfico (Figura 4). A relação de uso dos objetos sobrepunha a de consumo. Quero dizer: esses pescadores traziam consigo somente os objetos considerados fundamentais. Eles não portavam objetos tecnológicos — até mesmo porque a areia é incompatível com esse tipo de instrumento. Nos objetos com que interagiam, percebia-se a exploração e a potencialidade do *reuso*. Na Figura 5, vemos o saco plástico usado primeiramente para armazenar a pesca. Porém, enquanto os peixes secavam sob o sol e com sal — para serem conservados —, esse mesmo plástico servia para o que vou denominar de ‘bandeira – espantalho’, contra as aves daninhas (Figura 5).

A partir da análise do material fotográfico, as interações dos seres vivos com os objetos do espaço habitado passaram a ter uma significância maior para nós, orientador e orientanda. Tornou-se um desafio dedicarmos uma atenção especial às expressões corporais do homem contemporâneo com os objetos, pois, justamente, nesse gesto estava o objeto do qual pretendíamos extrair o conteúdo para a presente dissertação.

Durante os dois últimos anos de observação e reflexão sobre situações gestuais — tais como situações técnicas, sociais, espontâneas ou reativas, educativas e automáticas — fomos influenciados pela hipótese de que o meio social padroniza os gestos dos cidadãos de acordo com os objetos por eles usados, pois é a sociedade que determina como se deve segurar um garfo ou como se deve sentar numa cadeira, como se deve vestir ou o que se deve consumir, por exemplo.

Sendo os gestos uma ação técnica e toda técnica é uma produção em acordo com o cultural⁷, pode-se concluir que somos resultado expressivo de um meio, extensões da manifestação social, que se estende através de nós e para nós, seres humanos, retorna, num movimento circular e incessante.

Se considerarmos o design em sua completude, iremos deparar com a necessidade de atender às demandas do mercado econômico (tanto o produtivo como o de serviços) com também e, antes de mais nada, com a plena capacidade de aprender a



Figura 4: Família reunida no interior de uma das cabanas, para almoçar



Figura 5: mulher nômade com os peixes secos ao sal. Sobre sua cabeça, o saco plástico usado para espantar as aves daninhas.

⁷ O conceito moderno de cultura foi introduzido por Edward Burnett Tylor (1832-1917), que define cultura como uma prática de ações sociais que seguem um padrão determinado no espaço. O citado antropólogo britânico cunhou o termo metabiológico, que significa “tudo aquilo não biológico criado pelo homem em sociedade”.

olhar o entorno. Ou seja, devemos expandir nosso observar, lembrando sempre que por trás de todas as coisas materializadas em objetos está uma técnica manual, expressa através dos gestos.

Tanto para a realização de um trabalho manual como para o de um projeto de equipamento tecnológico — ou seja, de um objeto concreto⁸ — é preciso, antes, ter aprendido o gesto técnico, pois é este gesto técnico que, por exemplo, vai transformar um bocado de massa de barro numa bola de argila.

Duas pessoas podem receber o mesmo material plástico para trabalhar; todavia, somente quem dispuser de habilidade técnica — adquirida através de suas experiências mecânicas sobre determinada matéria — será capaz de trabalhá-lo, ou, até, de conceber e desenhar um robô que o substitua nessa ocupação. Então, para haver interação entre pessoa e objeto, é preciso que a pessoa tenha primeiramente a percepção do objeto e, em seguida, um entendimento ou quanto ao seu fazer ou quanto ao seu uso.

A bola é um bom exemplo de como isso se dá: absorvida por distintas sociedades, ela pode ser usada com os pés, com as mãos e com outras partes do corpo⁹. O uso ocasiona a mudança também no objeto, pela interação ocorrida (Figura 6).

O ritmo da transformação corporal motiva o ritmo da transformação dos objetos e vice-versa. Porém, atualmente percebe-se uma aceleração na humanização do espaço¹⁰, através da incessante produção de objetos — e a tal ponto que a condição humana de adaptação ao uso parece incapaz de acompanhar tal aceleração.

Tecnologicamente eficaz na industrialização de bens de consumo, a sociedade contemporânea demonstra implantar o novo a cada momento. Ao mesmo tempo, a expectativa é que as pessoas continuem realizando os gestos já pré-

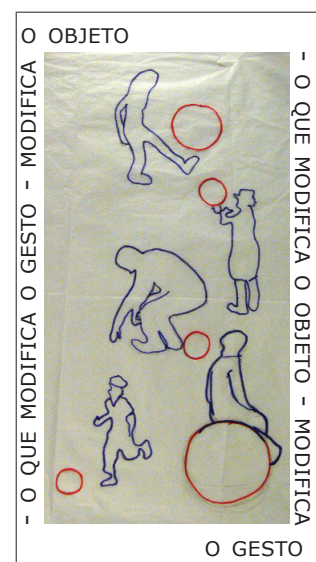


Figura 6: desenhos e anotações sobre gestos ao usar o objeto bola.

⁸ A concretização é um dos conceitos-chave do pensamento de Gilbert Simondon. Esse filósofo compreende os objetos técnicos como resultado de diversos desenvolvimentos em processos contínuos de evolução. Para Simondon, os objetos são avaliados de acordo com parâmetros próximos ao natural e não segundo uma perspectiva utilitária. Para o autor, o objeto técnico concreto é como um organismo humano bem ajustado: não precisa de médico. No caso do objeto, dispensa maiores atenções humanas para o seu funcionamento.

⁹ A utilização da bola de ginástica como assento, é uma proposta da pesquisadora Georgia Victor. Seu trabalho aborda a reestruturação postural através do uso de determinados objetos que estimulem o corpo ao invés de acomodá-lo aos objetos produzidos em prol do conforto.

¹⁰ Refiro-me a espaço geográfico.



Figura 7: Parte de dinâmica gestual na construção de casa, com a participação dos filhos

estabelecidos. Isto nos sugere algumas questões, tais como: estaria nos objetos a capacidade de transformação humana? É chegado o momento de rever o tipo de desenvolvimento e de educação dominantes em nossa sociedade? E se fôssemos observar outro grupo étnico que pudesse sobreviver com poucos objetos: que referenciais de dinâmica corporal, de uso e de técnicas estariam presentes entre eles que pudessem se contrapor ou serem conexos aos nossos referenciais?

Para tentar responder a perguntas como essas, fomos à comunidade indígena dos Guarani M'bya¹¹, localizada na Serra do Mar, litoral sul do Estado do Rio de Janeiro. Durante essa convivência, comoveu-nos perceber a autonomia gestual e a sistematização do grupo quando, por exemplo, os indígenas construíam seus abrigos — o que se dava com a participação da família, inclusive das crianças (Figuras 7, 8, 9 e 10). Eles são hábeis no manuseio das ferramentas adequadas aos processos construtivos, tais como enxadas, facões, serrotes, carrinhos de mão, pregos e martelos, além de dominarem técnicas de diferentes matérias-primas, como o bambu, a madeira, a palha, o barro e o fio industrial feito de plástico, usado nas amarrações.

Neste processo de investigações — cuja meta era amadurecer em mim os conceitos sobre *o que é um gesto* e, deste amadurecimento, elaborar um experimento —, eu não podia perder o foco no *objeto concebido pelo homem* e que reflete seu engenho e desenvolvimento: o uso, a função, o gestual, a cultura, o entorno. Como, tampouco, poderia



Figuras 8: Coleta do barro para ser usado na construção ...



Figuras 9: ... transporte da matéria-prima ...



Figuras 10: ... e utilização do barro para fazer a parede da casa Guarani M'bya

¹¹ Descendentes dos Tupi-Guarani, os M'bya, os Nandeva e os Kayová formam os três grandes grupos da etnia considerada como a dos povos indígenas mais populosos do Brasil, compostos por 27 mil índios.

perder o foco nas pessoas que, ao interagirem com esses objetos, acabam sendo usuárias desatentas à influência decorrida do uso. Objetos e pessoas fazem parte de um meio e a interação entre pessoas e objetos se dá pelo gesto.

Para que um objeto seja construído, é preciso haver de um lado o homem e, de outro, a matéria-prima. Através de um consenso técnico, dá-se a ação sobre a matéria e a ligação entre os dois elementos acontece. Embora a ação de um sobre o outro seja pretendida pelo homem, ao manifestar-se, ela ganha vida própria, posicionando-se no meio, entre o homem e a *coisa*¹², e já não pertence mais somente à dinâmica corporal expressa através dos gestos das mãos ao utilizar os dedos. Como também não pertence à matéria.

Ainda que os sentidos nos tragam informações sobre a textura, a plasticidade e o calor que emana dos materiais, as mãos que modelam a pantográfica¹³ (Figura 11) têm a compreensão gestual para exercer as ações de cortar, lixar, desenhar e amarrar as peças desse jogo¹⁴ que formará o modelo desejado. Porém, essa compressão exercida pelas mãos nos leva a ponderar sobre um inter-mundo¹⁵ no qual a “propriedade imaterial do movimento corporal humano técnico”¹⁶ — o gesto — encontra-se presente.

Ao humanizar o meio, com nossas ações e nossos gestos, nós nos tornamos responsáveis por ele. Tudo o que realizamos parte da esfera natural e atravessa o domínio cognitivo, até alcançar o meio social.

Tanto o ser humano quanto algumas outras espécies animais são constituídas por um mecanismo que lhes proporciona movimento técnico. Através dessa engrenagem

¹² *Coisa* no sentido de ser um objeto feito com materiais ainda não processados industrialmente, mais próximos ao estado natural da matéria-prima. *Coisa* seria objeto natural.

¹³ A pantográfica é uma invenção dos povos Tuareg, considerados guerreiros do deserto. Vivem no Saara, África. Hoje, a pantográfica é trabalhada no Lild e, em relação à sua montagem original, foi reconceituada quanto ao seu uso.

¹⁴ Luis Eustáquio Moreira se refere aos modelos experimentais elaborados no LILD como um jogo das formas, em razão dos componentes usados e da metodologia aplicada. Escreveu *Jogo das formas: ontogênese e design dos objetos*, relatório de Pós-doutorado desenvolvido no LILD, em 2007.

¹⁵ A fenomenologia se refere a *inter-mundo* como o espaço entre o sujeito e o objeto. Ver Sartre, Merleau-Ponty e Heidegger.

¹⁶ O prof. Dr. Luis Eustáquio Moreira cunhou o termo *propriedade imaterial* para se referir ao gesto técnico.



Figura 11: Sequência gestual de montagem do modelo pantográfico. Técnica de habilidade manual apreendida no desenhar, cortar e lixar a vara de madeira, e no dar o nó, específico, na linha.



Figura 12: Bonecos em Argila e de papel, em interação com objetos



Figura 13: ação de comer

orgânica, os seres animais constroem abrigos para defesa contra intempéries e predadores e para a reprodução das espécies¹⁷. Porém, somente o homem detém o movimento conceituado como *gesto*.

Apesar de avançar em minha pesquisa junto aos indígenas, ainda me faltavam dados considerados importantes. Para obtê-los, quis observar a sociedade a que pertenço, pois nessa sociedade eu atuo como fazedora, usuária e consumidora de objetos. Percebi que o maior desafio do trabalho estava neste ponto, pois eu deveria observar a interação dada abstraindo os referenciais de uso e do fazer técnico, os quais tenho apreendido.

Até então, acompanhara a aula de projeto no curso de Graduação em Design ministrada pelo prof. Ripper durante o segundo semestre de 2007 e o primeiro semestre de 2008. Nesse curso, os alunos trabalhavam com argila ou papel para reproduzir gestos utilizando bonecos de barro e de papel, estes últimos articulados¹⁸ (Figura 12). E fotografara o homem em ação com objetos utilitários de uso cotidiano (Figura 13), anúncios publicitários (Figura 14), catálogos de apresentações culturais, exposições em museus nacionais e internacionais (Figuras 15 e 16).

... Ou fazia experimentos como trocar de instrumentos de trabalho, ao me deixar ser fotografada por um Guarani M'bya, por exemplo, no ato de aprender a manipular objetos que não fazem parte do meu padrão de costumes (Figura 17). Tudo isso resultou em um acervo de imagens em vídeo e fotográficas sobre diversificadas ações gestuais.

No entanto, haviam demasiadas informações visuais nessas fotografias: para privilegiar *o corpo em situação de*



Figura 14: outdoor sobre sequência gestual do jogo de basquete



Figura 15: exposição de bonecos de chumbro, na ação com os objetos. Musée des Arts et Métiers, Paris



Figura 16: desenho figurativo indígena, Biblioteca da Floresta, Rio Branco.



Figura 17: pesquisadora aprendendo a usar a enxada na agricultura

¹⁷ Ver documentário da BBC sobre a História do Comportamento Natural

¹⁸ David Werner utiliza esse boneco articulado no seu trabalho voltado para a saúde junto a deficientes físicos. O boneco foi incorporado pelo Lild após uma adaptação na sua montagem.

gestar, seria necessário manipular tais fotos, usando recursos tecnológicos sobre fotos digitalizadas. E esse, definitivamente, não era o meu objetivo. Eu queria imagens de gestos reais, capturadas como um instante, dentro de um quadro tridimensional¹⁹, mas sem outros elementos que não fossem *corpo, gesto e objeto*.

A partir deste ponto, com a participação de outros pesquisadores do Lild, foi elaborado o experimento que finalmente me trouxe a expressão gestual que eu tanto buscava.

Nós partimos da seguinte reflexão: se a intenção é eliminar os adornos, o biótipo e o ambiente social, o que precisamos fotografar são as silhuetas. Então, o recurso encontrado para perceber o homem e seus objetos por meio de um único elemento foi exportar o corpo humano do seu local habitual e localizá-lo numa câmara escura²⁰, retratando sua imagem em sombras (Figura 18). Com isso, mente e corpo puderam ser explorados em suas linguagens próprias, revelando sucessivas surpresas através dos gestos.

O ato fotográfico²¹ é também um ato instantâneo, que resulta de uma aguçada percepção de um momento, do estar presente no *espaço-tempo*. Faço essa afirmação com tamanha veemência porque venho investigando – fotograficamente – o comportamento humano pelo viés do gesto, há pelo menos 5 anos. De início eu buscava apenas registrar as expressões corporais de determinadas sociedades (Figuras 19, 20 e 21). Hoje, vou um pouco além, procuro respostas para as seguintes perguntas: quais são os princípios regentes de uma sociedade? Como estão as relações humanas neste início de século, que nos impulsiona de forma ambivalente a viver sob um sistema econômico conduzido pelo consumo pautado no petróleo e, ao mesmo tempo, nos invoca uma atenção zelosa pelo meio ambiente? Está o ser humano evoluindo como um condicional dos objetos de consumo? E se nossos corpos desaprenderem o *como agir*? Quais são os gestos que caracterizam a nossa

¹⁹ A fotografia retrata o tridimensional, ou seja, a frente, a lateral e a profundidade do objeto fotografado. Entretanto ao ser impressa a foto, o objeto torna-se bidimensional (mantendo a altura e a largura), tal como a fotografia que o representa.

²⁰ A câmara escura designa um espaço fechado, sem a influência da luz externa.

²¹ Termo homônimo ao título do livro do escritor contemporâneo, Philippe Dubois, no qual o autor escreve sobre técnica e ação, sobre “o resultado de um fazer e de um saber fazer”, o que torna a fotografia um “verdadeiro ato icônico, uma *imagem-ato*”

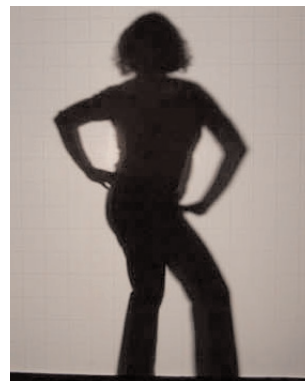


Figura 18: instantâneo de gestos humano



Figura 19: “O Pensador Urbano” Copacabana, Rio



Figura 20: Senhora dos povos Kalunga, Goiás.



Figura 21: Ritmista de bloco de Carnaval, Rio

época? Está na arte a ‘ex pressão’ do conhecimento? Por que não damos atenção às interações que fazemos com o que nos cerca? Será que essa desatenção se deve à automação no uso dos objetos?

O objeto a respeito do qual essa dissertação trata é o objeto resultante da ação que exercemos na materialidade, ao transformá-la em “hidroelétricas, fábricas, fazendas modernas, portos, estrada de rodagem, estrada de ferro, cidades” (Santos, 2006), laboratórios, celulares, carros, liquidificadores, bicicletas, ônibus, talheres, elevadores, escadas e demais utensílios.

Se do meu corpo emana essa expressão da vontade que nos leva à interação com o mundo, à qual venho denominando *gesto*, então o gesto pode ser o efeito da consciência sobre meu corpo e para além do próprio corpo.

Vivemos instigados pela *interação*, palavra cujo significado é “a ação de um objeto físico sobre outro”²². Trata-se de uma palavra recentemente dicionarizada — ao menos, não a encontramos nos dicionários de até meados do século passado. *Interação* também designa “a ação conjunta humano-humano e humana-máquina”²³. Contudo é importante relembrar que para haver uma comunicação, é necessário ambos sejam influenciados, tanto o receptor, quanto o emissor, a partir da informação transmitida.

Utilizando da imagem como um elemento de informação, em contraposição à escrita, pode ser observado que, a imagem trás um significado imediato, global, que pode caminhar em diversos pontos para a leitura mais minuciosa sobre determinado tema, e dessa forma absorvemos a informação transmitida, sem perda do sentido totalitário que se apresenta. A escrita é direcionada e, ainda que admita a antecipação em torno da mensagem, por parte do receptor, é necessário aguardar o próximo elemento a ser lido para ter-se a idéia fiel da informação sugerida.

Nós vemos o mundo a partir dos nossos pensamentos, sentimentos, e com as nossas referências. Por isso, o designer deve sempre estimular a ação do olhar ao trabalhar com a informação e com a matéria que quer formar, e fazer uma previsão consciente, baseada nas técnicas, nas funções, no uso e no pós-uso dos objetos que irão, a partir da interferência do design, compor o quadro social onde ocorrem nossas vivências.

²² Cf. o Dicionário Aurélio.

²³ *ibidem*

Ao pensar o gesto como um elemento de interação, encontro analogia com os pensamentos de diversos autores. Julia Kristeva (1969) refere a comunicação gestual à comunidade humana. Na fenomenologia da percepção ou filosofia da consciência, Merleau-Ponty (2006) afirma que o espaço inscreve em torno de nós o alcance variável de nossos objetivos ou de nossos gestos. Esta analogia também ocorre no que diz respeito às observações do etólogo Desmond Morris (1977) sobre comportamento humano e com o pensamento do geógrafo Milton Santos (2006) sobre ser o sistema de ações condicionado por um sistema de objetos. Igualmente com a autopoiese do biólogo Maturana (1997), que esclarece a respeito da teoria do vivente. E, como o ser vivo é um ente sistêmico, poderia dizer que o gesto — porvir de um mecanismo sistêmico — é uma expressão da autopoiese humana. Os estudos do antropólogo Marcel Mauss (1936) nos ensinam que cada sociedade possui os hábitos (técnicos) que lhe são próprios. O trabalho de Rudolf Laban (1978) nomeia de *esforço* o movimento corporal manifestado.

As questões aqui colocadas serão respondidas nos capítulos que compõem esta dissertação. O Capítulo 2 traz os conceitos teóricos que nos auxiliaram a fundamentar as questões e que nos encorajaram a tal reflexão.

O Capítulo 3 é sobre exemplos sistêmicos

No capítulo 4, apresento o experimento *ĬCorpografia: um estudo de caso*, que me ajudou a perceber o gesto — que eu tanto buscava capturar em imagem —, para melhor defender meus argumentos. Nesse capítulo narro o experimento realizado e analiso as imagens por meio dele obtidas.

O Capítulo 5 é a Conclusão e o Capítulo 6 traz as Referências Bibliográficas.

Ao final do trabalho, apresento dois anexos. O Anexo I é o projeto elaborado como proposta para a exposição fotográfica *ĬCorpoGrafia* a que os produtos desta pesquisa deram ensejo (realizada no Centro Cultural Solar Grandjean de Montgny entre 03 de junho e 18 de julho de 2008); o Anexo II é o DVD *ĬCorpoGrafia*, foto-animação de sete minutos sobre objetos enquanto extensões dos próprios gestos humanos.